

THERBORN, Göran: *From Marxism to Post-Marxism?* London / New York: Verso, 2008.

## RESENHA

AMARO DE OLIVEIRA FLECK

(Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Brasil)

O livro *From Marxism to Post-Marxism?*, do sociólogo sueco Göran Therborn, é uma junção de três ensaios escritos em separado, mas que se unificam na tentativa de ser, ao mesmo tempo, uma bússola e um mapa. Os três ensaios se constituem em tais instrumentos por tentar situar o pensamento e a prática política da esquerda da aurora do século vinte-e-um sobre o terreno teórico erigido no vinte e, por outro lado, por providenciar um panorama sistemático do pensamento de esquerda produzido no hemisfério norte no começo do século atual, comparando-o com o marxismo do precedente.

Deste modo, na curta introdução que antecede aos ensaios, Therborn parte do questionamento sobre a vitalidade da obra teórica de Karl Marx para chegar à conclusão de que este, como o pensamento de todos os grandes filósofos, nunca morre. Suas reflexões seguem maduras por três aspectos principais: 1) Por ser Marx um proponente da razão emancipatória, do escrutínio racionalista do mundo, comprometido com a liberdade humana contra a exploração e a opressão; 2) Por sua abordagem materialista histórica na análise social - seu entendimento do presente como história, com particular atenção às condições de vida e trabalho das pessoas comuns e com a materialidade do poder econômico e político e 3) Por sua abertura dialética, isto é, sua

sensitividade e compreensão com contradições, antinomias e conflitos na vida social. Therborn ressalta, contudo, que o seu objeto de interesse não é o filósofo oitocentista, mas o movimento de idéias que nele se originou, isto é, o marxismo.

O primeiro ensaio, intitulado *Into the Twenty-first Century: The New Parameters of Global Politics*, é de cunho mais sociológico e aponta para as principais diferenças que os teóricos que analisarão este novo século necessitarão levar em conta; ressaltando em primeiro lugar a distribuição do poder geopolítico pelo mundo e o caráter social dos atores interterritoriais ou transterritoriais. O primeiro aspecto mostra a complexificação do espaço geopolítico com o crescimento da China e com derrotas militares dos países mais desenvolvidos (ao longo do século vinte, desde a derrota norte-americana no Vietnã), assim como um novo laboratório de relações interestatais através da comunidade européia; a segunda característica aponta para o surgimento de atores transterritoriais de dois tipos: instituições interestatais, tais como Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio e Fundo Monetário Internacional, que serviram de ponta para políticas neoliberais de direita; e redes transnacionais, lobbies e movimentos da sociedade civil pela defesa de direitos humanos, mulheres, população, bem como contra a libera-

lização do comércio.

Therborn segue afirmando que a influência do Estado se tornou maior nos últimos quarenta anos, pois tanto políticas de bem-estar social se consolidaram quanto projetos de desenvolvimento nacional bastante planejado se mostraram mais vigorosos do que seus opostos (o exemplo é a China); porém, os estados nacionais se mostraram, mais uma vez, incapazes de diminuir a fome e pobreza no mundo assim como em integrar os países menos desenvolvidos. Aponta para a crescente importância das corporações, grandes forças privadas que passam a interagir com muita ênfase no plano geopolítico. O autor aponta também para a diminuição da importância das organizações de trabalhadores, ou da ‘classe operária’, em parte devido à diminuição da força de trabalho empregada pela indústria, ao passo que a massa de trabalhadores informais cresce, assim como o desemprego crônico.

Ao analisar os principais sucessos e fracassos da esquerda ao longo do século vinte, Therborn avalia que a esquerda contribuiu para desacreditar o racismo explícito, assim como o colonialismo; aumentar a igualdade de gêneros; consolidar as políticas de bem-estar-social (em suas vertentes mais reformistas) e, com a revolta de 1968, questionar os alicerces da tradição (inclusive da própria esquerda) e ampliar a importância da universalização do ensino. Por outro lado, segundo o autor, a esquerda fracassou por: não compreender as crises econômico-políticas dos anos 70/80, o que ocasionou um desequilíbrio em prol da direita na balança de forças governamentais; não conseguir realizar o encontro entre os manifestantes de 68 e o movimento operário; subestimar o potencial de violência da direita, sendo incapaz de compreender o espaço das

lutas políticas tanto na América Latina como em países como Indonésia, por exemplo; o colapso do ‘socialismo realmente existente’ diminuiu a esperança por sociedades não-capitalistas exitosas; e, por fim, que a balança tendeu para a direita, inclusive por algumas benesses oriundas de certas privatizações. Ressalta ainda dois pontos: 1) o movimento ambiental colocou em cheque uma certa visão de desenvolvimento da esquerda industrial e 2) os movimentos de identidade étnica provaram que existem lutas sociais que não podem ser reduzidas a questões distributivas ou a seus aspectos socioeconômicos.

Ainda no primeiro ensaio, Therborn analisa o conceito de pós-modernismo, assim como o de modernidade, mostrando que a ideia de desenvolvimento como tradicionalmente concebida passa a ser mais questionada através de movimentos que propõem limitá-la em prol da preservação de identidades, culturas e meio-ambiente, assim como de defesa das cidades, dentre outros, fazendo também um rápido mapa da geopolítica do hemisfério norte. Para concluir, sugere que é tempo de começar a pensar através de uma perspectiva trans-socialista para além do capitalismo e seu empreendimento conjunto de riqueza e miséria; indo além das estratégias institucionais do socialismo, da centralidade da classe trabalhadora e do movimento trabalhista, assim como da propriedade pública e de um planejamento coletivo em grande escala da produção. Esta perspectiva não implica uma aceitação do capitalismo, até porque não rejeita nem os objetivos do socialismo nem as tentativas de construí-lo, mas aceita criticamente seu legado, mantendo a ideia marxiana fundamental da emancipação da exploração, opressão e discriminação. Reconhece que o século vinte e um

não começa nem mais igual e nem mais justo, mas com uma nova constelação de poderes e possibilidades de resistência. Assim a esquerda deve saber explicitar aspectos do discurso moral como colocar direitos sociais ao lado dos direitos humanos (de escolha do modo de vida e desenvolvimento), e também através da antiviolença; ao mesmo tempo em que deve substituir o heroísmo revolucionário por um hedonismo marxiano; lutando tanto pelo direito ao prazer quanto por instituições que tornem as oportunidades acessíveis a todos.

O segundo capítulo, denominado *Twentieth-Century Marxism and the Dialectics of Modernity*, é um ensaio de história das idéias, que analisa de modo sucinto a história teórica do marxismo no século vinte. Therborn entende que o marxismo está permanentemente criticando e lutando contra os principais regimes da modernidade, mas sem questionar os avanços desta e mesmo defendendo-a. Por um lado, o marxismo “afirmou os aspectos positivos e progressivos do capitalismo, como industrialização, urbanização e alfabetização das massas” (66-7), e, por outro lado, denunciou a exploração, a alienação humana, a mercantilização e instrumentalização das relações sociais, a falsa ideologia e o imperialismo inerente ao processo de modernização” (67). O autor entende que Marx e Engels ressaltaram muitas vezes o aspecto positivo da modernização e que isto foi menosprezado por algumas tradições do marxismo, como a Escola de Frankfurt; mas concordam que a tarefa da teoria crítica é transformar o todo social. Deste modo, Therborn traça uma rápida linha entre Lukács e Escola de Frankfurt (em especial Adorno e Horkheimer, dedicando uma pequena parte à discussão de Adorno com Popper) para depois adentrar nos

múltiplos significados de marxismo ocidental, termo cunhado por Merleau-Ponty e debatido, entre outros, por Perry Anderson e Martin Jay, aponta ainda ao fato de, mesmo se contrapondo ao marxismo oriental, mais institucionalizado através dos partidos comunistas, grande parte dos teóricos do marxismo ocidental olharem com simpatia à Revolução de Outubro. Conclui este ensaio mostrando que o marxismo permaneceu, sobretudo na filosofia, sociologia e história, mas também incursou em outras áreas como psicanálise e antropologia; que após o movimento de 68 houve uma breve ressurgência e renovação do marxismo e que, ao longo do século, ele se difundiu em grande parte do mundo.

O último ensaio, chamado *After Dialectics: Radical Social Theory in the North at the Dawn of the Twenty-first Century*, é um panorama do pensamento radical de esquerda, centrado no hemisfério norte, na aurora do século vinte e um. Therborn inicia argumentando que a crítica do poder e seus exercícios depende em grande parte da esperança em um possível mundo diferente, e que com o colapso dos países socialistas em 1989 esta esperança ficou bastante abalada, contudo o jogo não está ganho pela direita ou pelo capitalismo, pois a esquerda se renovou e revigorou desde então. Fala de um triângulo do marxismo clássico, unindo análise social do capitalismo, uma filosofia baseada em conflitos e contradições (dialética) e um modo político de tipo socialista, de classe trabalhadora, e entende que este triângulo está irremediavelmente quebrado, no sentido de que já não mantém unidas as três instâncias; e justamente isto possibilita que o pensamento de Marx, assim como o de outros clássicos do pensamento social, seja redescoberto e reinterpretado de muitas formas diferentes.

Assim, aponta para a nuançada compreensão dialética da modernidade tal como pensada por Marx, que coloca ao lado do progresso os novos conflitos por estes gerados, de modo a compreender a modernização como um desenvolvimento contraditório que traz benesses junto com danos, ao invés de uma visão simplista que só vê na modernização um processo positivo ou, conforme alguns pensadores pós-modernos, negativos. Esta relação dialética com a modernidade faz com que o pensamento radical do século vinte e um, que é em grande parte fruto do marxismo do século vinte, aborde novas temáticas ou a partir de perspectivas inéditas, tais como: 1) uma guinada teológica por parte de muitos pensadores europeus, não como uma defesa das religiões, mas com um interesse acadêmico e uso de exemplos daí retirados (como o caso do universalismo de São Paulo retomado por Alain Badiou); 2) uma virada ao futuro por grande parte dos pensadores norte-americanos, seja como um novo utopismo, seja com um catastrofismo apocalíptico; 3) um deslocamento de classe, isto é, diminuição da importância dada à classe operária ou a substituição desta por marginalizados em geral, em especial em uma escala global de países ou mesmo continentes; 4) perda do foco nos estados-nações, até mesmo pela diminuição da importância destes num mundo globalizado e com o surgimento de complexos comerciais para além do estado (e acrescentem-se ainda as corporações); 5) retorno das discussões sobre sexualidade; 6) surgimento dos estudos de redes sociais e comerciais e 7) volta de uma crítica à economia política, centrada em estudos que relacionam sociologia, filosofia ou história à economia.

No item três deste ensaio, Therborn traça

o mapa das posições políticas do pensamento de esquerda através de dois eixos: socialismo / capitalismo e marxismo / não-marxismo; assim, são quatro as possíveis combinações, um pensamento de esquerda socialista e marxista; socialista e não-marxista; marxista não-socialista e nem socialista nem marxista.

Marxistas mas não-socialistas: o grupo mais difícil de conceber é formado pelo que o autor denomina marxistas científicos (ou a área da marxologia), que consideram os estudos de Marx válidos e desenvolvem suas idéias como o melhor meio de entender o capitalismo, mas permanecem céticos quanto à idéia de uma sociedade alternativa ou que o capitalismo inevitavelmente se destruirá. Têm como representantes principais nomes como Desay, Carver e Derrida.

Nem socialistas e nem marxistas: se relacionam de algum modo com o marxismo e de alguma forma derivam dele, são, neste livro, chamados de pós-socialistas, e giram em volta de idéias como terceira via e novo movimento trabalhista. Seus maiores representantes são Anthony Giddens e Ulrich Beck.

Socialistas mas não-marxistas: a esquerda não-marxista é formada por correntes da social-democracia mais radical, teóricos como Pierre Bourdieu, Boaventura de Sousa Santos e Mangabeira Unger.

Socialistas e marxistas: esta classe é composta por três diferentes linhas, 1) Pós-Marxistas, escritores com explícitas bases marxistas, mas que vão além das problemáticas tradicionais desta linhagem e não se afirmam publicamente como marxistas, nomes que vão desde Balibar, Laclau e Mouffe, passando por Habermas, Honneth e Claus Offe, até Debray, Castells e Bauman. 2)

Neo-Marxistas, aqui Therborn analisa, por um lado, a obra de Zizek, e por outro a de Negri e Hardt, apontando que ambas têm diversos aspectos formais semelhantes e 3) Marxistas resilientes, grupo formado por teóricos que circundam a *New Left Review*, que tem como seu principal mentor Perry Anderson, incluindo também reinterpretações originais como a de Moishe Postone ou Bertell Ollman, e ainda teóricos mais antigos, exemplificados por Callinicos ou Bensaïd. Concordam que a obra de Marx ainda serve como

base para se pensar o mundo de hoje.

Na conclusão deste terceiro ensaio, Therborn diz que enquanto houver capitalismo novas gerações irão se contrapor a ele, apropriando-se deste corpo teórico de novas maneiras, e mantendo o futuro em aberto para novas alternativas; contudo, afirma que o triângulo do marxismo clássico, que unia em um mesmo corpo uma prática política, uma análise social e uma filosofia dialética está provavelmente quebrado.